

# A Questão dos Refugiados na Mídia: Reflexões com Relação à Hospitalidade & Turismo no Paraná<sup>1</sup>

## The Refugee Issue in the Media: Reflections on Hospitality and Tourism in Paraná

Beatriz Madalena Bueno da Silva\*

Silvielen Cristiane Faria de Lara\*\*

Mirna de Lima Medeiros\*\*\*

**Resumo:** Esse artigo buscou analisar como os refugiados são retratados na mídia paranaense (entre 2010 e 2018) e sua interface com o Turismo. A pesquisa exploratório-descritiva teve coleta de dados secundários em jornais paranaenses. Após diferenciar terminologias relativas aos fluxos migratórios e apresentar o panorama brasileiro, foi realizada uma análise para confrontar a questão dos refugiados com a atividade turística, verificando se são mencionadas questões relacionadas com hospitalidade, inserção no mercado de trabalho em turismo, mudança no conhecimento e intenção de visita entre outras questões. A pesquisa se justifica pela atual conjuntura migratória com crescente fluxo de pedidos de refúgio no Brasil, bem como pelo fato de o estado do Paraná ser um dos estados que mais recebe refugiados no país. Foram encontradas vinte e oito reportagens e, após a análise documental, percebeu-se que a maioria mostra os refugiados de maneira positiva. O principal aspecto relacionado ao setor de turismo foi a abertura de empreendimentos gastronômicos por refugiados.

**Palavras-chave:** Migrações. Mídia. Hospitalidade.

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no “III SIMPÓSIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS: Democracia e direitos humanos” realizado em Ponta Grossa- PR, entre 11 a 13 de setembro de 2019, sendo indicado pelo evento para compor este volume especial da Emancipação.

\* Acadêmica do curso de bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Participante voluntária do Grupo de Pesquisa “Questão Ambiental, Gênero e Condição de Pobreza” do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa e do programa de iniciação científica da instituição (PROVIC/UEPG). E-mail: beatrizbueno963@gmail.com

\*\* Acadêmica do curso de bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: silvielen.lara@gmail.com

\*\*\* Pós-Doutoranda, Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração de Organizações da Universidade de São Paulo (PPGAO/FEARP-USP); Especialista em Gestão Pública pela Escola USP de Gestão; Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta no curso de bacharelado em Turismo e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mirnadelimamedeiros@gmail.com



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

**Abstract:** This article aimed at analyze how refugees are portrayed in the Paraná media (between 2010 and 2018) and its interface with Tourism. The exploratory-descriptive research had secondary data collection in newspapers from Paraná. After differentiating terminologies related to migratory flows and presenting the Brazilian panorama, an analysis was carried out to confront the issue of refugees with the tourist activity, checking whether issues related to hospitality, insertion in the tourism job market, change in knowledge and intention to visit among other issues are mentioned. The research is justified by the current migratory situation with an increasing flow of asylum requests in Brazil, as well as by the fact that the state of Paraná is one of the states that receives more refugees in the country. We found twenty-eight articles and, after the documentary analysis, it was noticed that the majority showed the refugees in a positive way. The main aspect related to the tourism sector was the opening of gastronomic enterprises by refugees.

**Key-Words:** Migrations. Media. Hospitality.

Recebido em 04/10/2019. Aceito em 02/12/2020.

## Introdução

A atual proporção dos fluxos de refugiados tem chamado a atenção para uma realidade que é, ao mesmo tempo complexa e urgente (VLACHOU, 2017). Enquanto os migrantes saem de seu país de forma espontânea, podendo retornar e continuando a receber proteção de seu governo, os refugiados fogem de perseguições (decorrentes de sua raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou devido a suas opiniões políticas) ou conflitos (grave e generalizada violação de direitos humanos) (ACNUR, 2019; EDWARDS, 2015; BRASIL, 1997). Essa situação decorre de diversos fatores, entre os quais, “[...] o número crescente de Estados “afundando”, ou já submersos, ou – para todos os fins e propósitos – de territórios sem Estado, e, portanto, também sem leis, palcos de intermináveis guerras [...]” (BAUMAN, 2017, p.11). Além dos aspectos políticos, economias em contração levam a expansão das “expulsões” (SASSEN, 2016).

Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o Brasil, a partir de 2010, começou a receber um número maior de solicitações de refugiados que buscam viver de maneira legal no território brasileiro. Em 2010, o Brasil recebeu 966 solicitações de refúgio. Em 2015 esse número chegou a 28670. Atualmente o estado do Paraná recebe um número considerável de refugiados, ficando em 3º lugar na lista de estados brasileiros, perdendo apenas para São e Rio de Janeiro. Nele encontram-se cerca de 500 pessoas, isso significa em torno de 8% dos refugiados oficiais (BEM PARANÁ, 2018). Os três países que mais solicitam refúgio ao Brasil são, Venezuela (com 3375 solicitações), Cuba (1370) e Angola (1353) (MJSP, 2017).

A batalha pela segunda chance e a vontade de recomeçar são apenas alguns dos desejos de quem perdeu tudo um dia lá fora (ANDRADE, 2017). Muitos refugiados montam seus próprios negócios, alguns deles relevantes para o Turismo como restaurantes (equipamento turístico) com a comida típica de seus países de origem (LUGOSI; ALLIS, 2019). De acordo com Daniel

Dauaidar, secretário-executivo do Centro de Apoio ao Estrangeiro no Brasil e Exterior (CAEBE), os sírios, por exemplo, se mantêm por meio de negócios próprios como restaurantes, sacolões e até mesmo distribuindo comida árabe. “Existe muita dificuldade na colocação dos refugiados no mercado de trabalho. Fatores como o idioma e a revalidação de diploma os afetam” (ANDRADE, 2017).

O fato de refugiados montarem ou serem empregados em negócios no setor turístico é reportado por consumidores em redes sociais da área utilizadas como fonte de informação para tomada de decisão por muitos consumidores-turistas, como o *TripAdvisor*. Uma busca realizada em maio de 2018 pelo termo nessa rede retorna com 65 resultados, dos quais 28 restaurantes (em sua maioria de sírios ou árabes). Um dos casos encontrados foi em Curitiba, onde um refugiado sírio montou um restaurante, com comidas típicas da Síria, classificado como um dos melhores nessa especialidade na capital (TRIPADVISOR, 2017).

Os refugiados podem também entrar no mercado de trabalho em lugares turísticos, como hotéis, ou como garçom em restaurantes, assim contribuindo com o crescimento da atividade turística no estado. Além disso, é de interesse para a área a forma como o paranaense recebe essas pessoas (hospitalidade). Diante desse breve panorama, cabe indagar: Como a mídia paranaense tem abordado a questão dos refugiados nos últimos anos? Existem implicações para a área de Turismo e Hospitalidade?

Diante dessas questões, o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar como os refugiados são retratados na mídia paranaense (entre 2010 e 2018) e sua interface com o Turismo. Para essa finalidade, os objetivos específicos foram: discutir a questão dos refugiados e sua potencial relação com a área de Turismo com base no marco teórico e legal, listar as notícias existentes na mídia paranaense relacionada aos refugiados e descrever como a mídia paranaense aborda a questão e se há interfaces com o Turismo.

A seguir, o referencial teórico deste artigo diferencia termos relacionados aos fluxos migratórios; fornece um panorama nacional e paranaense com relação ao refúgio e abrange a questão da mídia e os fluxos migratórios. Em seguida a metodologia descreve as escolhas realizadas para consecução do trabalho. Os resultados dessas escolhas são descritos na seção de resultados e discussões que se inicia com a descrição das 28 reportagens dos jornais *Gazeta do Povo* e *Folha de Londrina* e segue para a discussão e análise do conteúdo das matérias. Por fim, são expostas as considerações finais e as referências utilizadas.

## Fluxos Migratórios: Terminologias Fundamentais

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações – OIM (2009), os fluxos migratórios são caracterizados pela “[...] contagem do número de migrantes que se deslocam ou têm autorização para se deslocar para (ou de) um país a fim de ter acesso a um emprego ou fixar-se durante um determinado período de tempo”. Já os fluxos migratórios mistos são “movimentos de população complexos, que incluem refugiados, solicitantes de asilo, migrantes econômicos e outros migrantes” (OIM, 2009, p. 29).

Assim, o termo “migrante” se refere a pessoas que deixam seus países de forma voluntária, envolvendo motivações como melhoria de condições de vida ou trabalho, mas que continuam recebendo apoio de seu governo. Quando isso não ocorre, outras tipologias são aplicáveis e a distinção entre esses termos é fundamental. A Organização das Nações Unidas no Brasil (ONUBR, 2016) ressalta a diferença terminológica:

Apesar de ser cada vez mais comum os termos “refugiado” e “migrante” serem utilizados como sinônimos na mídia e em discussões públicas, há uma diferença legal crucial entre os dois. Confundi-los pode levar a problemas para refugiados e solicitantes de refúgio, assim como gerar entendimentos parciais em discussões sobre refúgio e migração.

Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”. Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar. Essas são pessoas às quais a recusa de refúgio pode ter consequências potencialmente fatais para suas vidas.

Segundo Barreto (2010, p. 12): “O tema do refúgio é tão antigo quanto à humanidade. Por razões políticas, religiosas, sociais, culturais ou de gênero, milhões de pessoas já tiveram que deixar seus países e buscar proteção internacional em outros”. Atualmente, ao ter esse deslocamento forçado comprovado, os refugiados são protegidos pelo direito internacional. A proteção dos refugiados é feita pela Declaração de Cartágena de 1984, Convenção da Organização das Nações Unidas de 1951 e Convenção da Organização da Unidade Africana. A Convenção de 1951 delimita quem são os refugiados e os direitos básicos que os estados devem garantir a eles.

A proteção aos refugiados inclui a não devolução deles aos países dos quais tiveram que fugir, que tenham acesso a procedimentos de asilo que sejam justos e eficientes, e medidas que garantam suas condições de vidas dignas para que encontrem uma solução de vida a longo prazo (EDWARDS, 2015).

O termo asilo territorial é a aceitação de um estrangeiro em seu território com o intuito de proteger a liberdade ou até mesmo a vida do asilado em situação de risco em que vivia em seu país de origem (DIAS; AMARO, 2010).

Por fim, apesar de não ser foco do presente trabalho, cabe mencionar a diferenciação de “apátrida”. De forma sucinta, o termo apátrida se refere a pessoas que não possuem nacionalidade, ou seja, ela não é titular de uma nacionalidade e sendo assim, não é considerada nacional de nenhum Estado (CERA, 2010). Ela pode ocorrer por diversas razões entre as quais, por exemplo, o nascimento durante o refúgio.

Tendo em vista o foco do presente trabalho, na seção que segue apresenta-se um breve panorama do refúgio no período recente.

## Contexto Mundial e Brasileiro do Refúgio

Na história muitas migrações forçadas ocorreram por perseguições e conflitos, devido aos quais as pessoas eram forçadas a deixar seu país de origem e ir buscar paz em outros lugares (SILVA, 2017). Referências de acolhimento e proteção a estrangeiros, datam desde as civilizações mais antigas da história. A origem da palavra “asilo” vem do termo grego “ásilon” e do latim “asylum” significando local de proteção e refúgio. Até o século XX, não existiam instituições ou regras que tratassem do refúgio, quem buscava abrigo em outros países dependia das leis do país. Os esforços para dar apoio aos refugiados, começaram em 1921 quando uma conferência internacional foi organizada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, para discutir o caso dos refugiados russos, que haviam procurado outros países por causa da Guerra Civil Russa que

ocorreu de 1918 a 1921. Um Alto comissariado foi responsabilizado por definir a situação dos refugiados, dando apoio, trabalho, e organizando a volta deles para seus países (IKMR, 2017).

No século XX, muitos conflitos como, 1ª Guerra Mundial, 2ª Guerra Mundial, Guerra Fria e outros, fizeram com que muitas pessoas fossem forçadas a irem busca de uma nova vida em diferentes países, isso fez com que surgissem novas convenções, todas para assegurar a segurança dos refugiados nos países onde escolheram se estabelecer (IKMR, 2017).

No ano de 2004, na Cidade do México, 20 países da América Latina, incluindo Brasil, assinaram a Declaração e o Plano de Ação do México, com o intuito de fortalecer a proteção dos refugiados, com soluções duradouras, com destaque a importância da cooperação e solidariedade internacional, dividindo as responsabilidades entre esses países. Atualmente o instituto do refúgio, tem leis consolidadas, regras e princípios ancorados em tratamentos e documentos com os quais os países se comprometem (IKMR, 2017).

No final de 2015, segundo a ACNUR (2016), mais de 65,3 milhões de pessoas se obrigaram a ir para outros países, das quais 21,3 milhões estavam na condição de refugiadas. Uma média de 24 pessoas por minuto, foi forçada a abandonar seus países e procurar refúgio em outros lugares. A maioria dos refugiados do mundo, são de três países: Afeganistão, Somália e Síria. Os países que mais acolhem são: Paquistão, Líbano, Irã, Jordânia, Turquia e Etiópia.

O Brasil recebe um número razoável de refugiados de diferentes nacionalidades. Segundo dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), na quarta edição do Relatório “Refúgio em números”, até o início do ano de 2019, o país possuía um acumulado de 161.057 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite; contudo, somente 11.231 pessoas refugiadas reconhecidas. A nacionalidade com maior número de pessoas refugiadas já reconhecidas é a Síria com 51% dos registros. Apesar desses números, muita coisa ainda precisa melhorar para que os refugiados se sintam seguros e possam viver dignamente no país. Conforme Zylberkan (2018):

Brasil se consolida como destino de imigrantes em busca de sobrevivência longe de casa. Apesar da fama de acolhedor, o país precisa fortalecer as políticas públicas de abrigo e emprego para que a projeção de um fluxo cada vez maior não se transforme em crise.

A seguir (Tabela 01) apresentam-se alguns números de pedidos de refúgios recebidos pelo Brasil. Esses números podem auxiliar a compreender a projeção mencionada por Zylberkan (2018).

**Tabela 1: Distribuição dos pedidos de refúgio por ano**

Ano	Número de Solicitações de Refúgio
2011	3.538
2012	4.282
2013	17.631
2014	28.385
2015	28.670
2016	10.308
2017	33.866
2018	80.057

Fonte: Elaborado com base em ACNUR (2019).

Como pode ser percebido as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado tem crescido no âmbito brasileiro. Abaixo, na tabela 02, apresenta-se o número de solicitantes por país de origem dos sujeitos que mais solicitaram esse reconhecimento em 2018.

**Tabela 2: Distribuição das nacionalidades e número de refugiados**

País de Origem	Número de solicitantes
Venezuela	61.681
Haiti	7.030
Cuba	2.749
China	1.450
Bangladesh	947
Angola	675
Senegal	462
Síria	409
Índia	370
Outros	4.284
<b>Total</b>	<b>80.057</b>

Fonte: Elaborado com base em ACNUR (2019).

A solicitação não significa reconhecimento automático. O processo pode levar anos e exige algumas comprovações. Em 2018 apenas 777 refugiados foram considerados elegíveis ao reconhecimento. A maioria desses provenientes de países em situação de conflito armado e situação grave mundialmente reconhecida (Síria: 476; Palestina: 52; e República Democrática do Congo: 50).

O Paraná já foi o terceiro estado em número de solicitações de refúgio. Em 2017 as solicitações de reconhecimento de refúgio tinham os três seguintes estados em destaque: São Paulo com cerca de 52% de refugiados, Rio de Janeiro com cerca de 17% e o Paraná com cerca de 8%. Em 2018 o cenário de pedidos se alterou tendo os estados do Norte se destacado em decorrência da situação da vizinha Venezuela: Roraima teve 63% dos pedidos e, em segundo lugar o Amazonas com 13%. Em terceiro apareceu São Paulo com 12% e o Paraná figurou em quinto estado com maior volume de solicitações (2%, 1.408) (ACNUR, 2019).

No Paraná, a secretária do Estado criou no ano de 2016 o Centro Estadual de Informações para Migrantes, Refugiados e Apátridas (CEIM), para cadastrar as pessoas e passar informações importantes quanto ao acesso a serviços públicos estaduais e municipais (DEDIHC, 2019). O Estado do Paraná proclama e assegura a dignidade da pessoa humana, a qual elenca como princípio, dentre outros, a defesa dos direitos humanos (BRASIL, 2019).

Além do Estado, outras instituições paranaenses (públicas e privadas) auxiliam aos refugiados. Um exemplo é o caso da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Ministério Público do Trabalho, que assinaram em 2015 um termo de cooperação para apoio a imigrantes e refugiados. Esse acordo tem o intuito de reduzir a vulnerabilidade social dos refugiados, segundo o professor Gediel (2015) apud Mendes (2015):

É uma grande satisfação firmar um termo com o Ministério Público do Trabalho na questão da migração e nos problemas imediatos que temos nessa questão, como trabalho escravo e condições precárias de trabalho desses imigrantes, sobretudo haitianos.

Esse programa de extensão tem como base atender quatro necessidades, a primeira é apoio jurídico aos refugiados e aos migrantes, apoio e também atendimento psicológico, curso de informática para desenvolvimento de currículos e aulas de português para que eles possam se comunicar em nosso território. Todos esses atendimentos são realizados de maneira voluntária por professores e estudantes, além disso, muitos refugiados foram obrigados a desistir de cursos superiores em seus países, por isso a UFPR promoveu o reingresso de 30 estudantes em seus que estavam fazendo (MENDES, 2015).

Outro caso de atuação universitária é o da PUC – PR, que desde 2014 tem um projeto para ajudar os refugiados. Nomeado como “Programa Lapeduza”, atendendo a um pedido do Papa para combater o enfrentamento e à globalização da indiferença, o projeto busca atender, proteger, promover e integrar os refugiados a comunidade, oferece por meio de parcerias aulas de Língua Portuguesa e informática, orientação jurídica e palestras na área da saúde, e também ajuda na regularização dos documentos deles, tudo isso ministrado pela comunidade acadêmica da universidade. (MARISTA, 2019).

Além das Universidades nota-se no estado um esforço para constituição de rede de apoio aos migrantes e refugiados. Recentemente pode-se mencionar a realização de um Simpósio, que aconteceu em várias cidades brasileiras como, Belém, Manaus, São Paulo, Boa Vista, Porto Alegre, Recife e João Pessoa e em Curitiba, com o objetivo de fomentar a discussão em torno da necessidade de se estabelecer políticas locais de acolhimento, abrigamento e integração para refugiados e migrantes (UNIÃO, 2019).

Essas iniciativas algumas vezes são noticiadas, assim como outras questões relacionadas à migração e ao refúgio. Assim, finalizando o presente referencial teórico, a seção que segue discute a questão da mídia e sua relação com o contexto apresentado.

## Mídia e Refúgio

O termo *médium* (*media*, no plural) foi inserido em inglês no final do século XIX (nos Estados Unidos da América). Termo em latim que no contexto cultural daquela época, designava três inventos que eram recentes, o telégrafo, a fotografia e a rádio. Os americanos designavam estes inventos como *mídia* pelo fato de eles transmitirem informações de mensagem entre as pessoas (RODRIGUES, 2018).

Quando se fala em mídia, fala-se de suas diversas formas de transmissão de informações seja ela falada, escrita, televisionada e alguns meios virtuais que podem passar informações (CORRÊA, 2013). A mídia possui um elevado poder nas sociedades hodiernas já que a mídia é um meio de comunicação, que se expande devido aos avanços tecnológicos. É a base de um meio de comunicação social, influenciando diretamente em suas linguagens e processos, mas sustenta sua existência ou tem valor social através dos usos para os processos estratégicos e simbólicos dos diversos e diferenciados atores e campos (FERREIRA NETO, 2018).

Tendo em vista a sua influência, há discussões com relação a até que ponto a mídia deve influenciar, para que não seja manipuladora. Ela ganha cada vez mais força entre as classes sociais com menor poder econômico. Formadas por pessoas com menor nível de instrução e crítica, essas classes tendem a crer no que é veiculado sem discutir ou averiguar aos fatos. São mais propícios a tomar a notícia como verdade, do que a formar uma opinião própria (CORRÊA, 2013).

A mídia tem grande abrangência e pode contribuir à formação de opiniões sobre diferentes temas, inclusive sobre os refugiados. Nessa área, ela pode trabalhar de forma construtiva ou ao

contrário, pode incitar ódio e violência. O problema é que na maioria das vezes, o estrangeiro é representado de forma negativa, como um problema a ser solucionado pelo país em que adentra, como um verdadeiro intruso (CARDOSO, 2012). É comum a verificação de termos que os relacionam à marginalização, ao terrorismo, à preguiça e à falta de interesse ao trabalho. O impacto da transmissão de notícias sobrecarregadas de referências à “crise migratória” “quase chega a causar um verdadeiro ‘pânico moral’” (BAUMAN, 2017, p.7).

A cobertura jornalística pode falar muito dos refugiados, porém, nem sempre os atores dessas reportagens são ouvidos. Na maioria das vezes, eles nem possuem o direito a fala, o direito de expressar o que estão passando. Apesar de a mídia retratar os refugiados de forma negativa, o Brasil é sempre divulgado com um país acolhedor e por isso recebe um bom número deles. (CARDOSO, 2012).

Outro autor que também trata desse tema é Luiz Cláudio Ferreira (2016). Segundo ele:

A imprensa brasileira não tem tratado o tema da migração e do refúgio com a seriedade que merece e com as devidas informações que a sociedade espera. Os imigrantes e os refugiados são vistos e descritos pelos jornais a partir de preconceitos alimentados nos profissionais e nas empresas quando a tarefa é escrever sobre o assunto. “Os estrangeiros são ‘fulanizados’”. A cobertura é sazonal e ocasional, dependente de mortes, de afundamento de um barco. Quando o tema é tratado assim com contagem de mortos, uma contagem de vítimas, não estamos tratando o assunto com a seriedade, com complexidade que isso exige.

Ademais, os refugiados também são vítimas da xenofobia, muitas vezes disseminada por líderes políticos com a justificativa de defesa de sua população. São exemplos declarações como as do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que disse que “eles não têm boas intenções nem querem fazer o bem”, assim como Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, que quer erguer um muro entre Estados Unidos e México para que os imigrantes não entrem ilegalmente no território norte americano. (KADLETZ, 2019).

Kadletz (2019), ainda defende que:

Refugiados e imigrantes em busca de proteção e melhores condições de vida são os mais afetados pelo discurso de poluição. Como é o caso de imigrantes senegaleses e de outras nacionalidades que se tornam alvos de abuso de autoridades e violência pela crença popular de que sua presença “*emporalha cidades*”.

O problema é que a grande crise migratória assusta, provoca pânico, pela falta de conhecimento, e “o desconhecido” é visto perigoso (BAUMAN, 2017). É preciso melhorar a imagem dos refugiados em nosso território é necessário que eles sejam retratados de maneira diferente, não como intruso, mas sim como pessoas que também querem fazer parte da nossa comunidade. Para que os primeiros passos sejam dados, uma mudança nas rotinas jornalísticas seria de extrema importância (CARDOSO, 2012).

Para averiguar a cobertura jornalística atual relacionada ao tema foram definidos alguns caminhos metodológicos descritos na seção que segue.

## Metodologia

O presente trabalho é de cunho exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para compreensão de conceitos referentes ao tema. Em seguida, foi efetivada uma coleta de reportagens em dois jornais do estado do Paraná e análise documental das mesmas.

Para a análise deste artigo, escolheu-se o principal jornal das duas cidades mais populosas do estado: Gazeta do Povo (Curitiba-PR) e Folha de Londrina (Londrina-PR). O jornal Gazeta do Povo, para além da sua cidade de origem, consegue ter uma abrangência em todo estado e até fora deste. Além disso “possui credibilidade com seus leitores, pois são 100 anos de informações e histórias” (SILVA, 2009). A Folha de Londrina também possui expressão significativa, principalmente na Região de Londrina e Norte do estado do Paraná, e longa história, com mais de 69 anos (MARCONI, 2017).

As reportagens foram buscadas em cada jornal utilizando-se o descritor “refugiados” nos buscadores internos de cada um dos sites dos dois jornais selecionados. Após a compilação foram analisadas todas as reportagens que continham esse termo. Atenderam a esse critério dezoito reportagens da Gazeta do Povo e dez reportagens da Folha de Londrina, totalizando vinte e oito documentos. Sua análise foi realizada por meio de análise de conteúdo. Essa pode ser definida como:

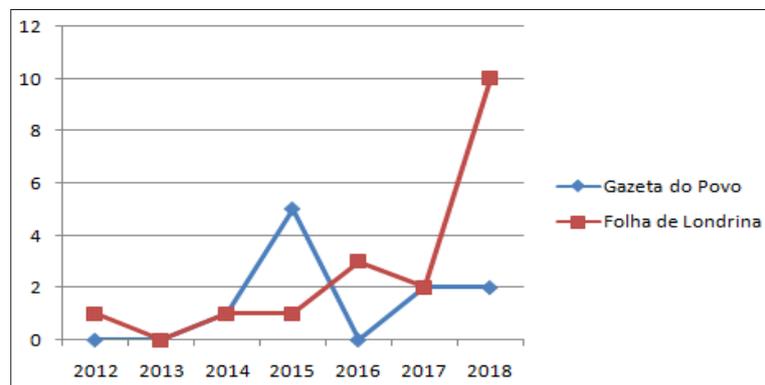
Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p.47)

Todas as reportagens foram lidas em profundidade. Sua descrição e análise de conteúdo encontram-se a seguir.

## Resultados e Discussões

Antes de mencionar o conteúdo das reportagens analisadas cabe fazer uma breve descrição das mesmas. No gráfico 1 fica ilustrada a quantidade de matérias que foram publicadas ao longo do período de análise (de 2010 a 2018) pelos dois jornais (Gazeta do Povo e Folha de Londrina).

Gráfico 1: Linha do tempo das reportagens analisadas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

No gráfico, nota-se poucas reportagens nos primeiros anos de ambos os jornais. No caso da Gazeta do Povo esse número cresce em 2015, depois a linha volta a decrescer se mantendo em um nível baixo e, no último ano analisado, há somente duas reportagens. Diferente do que acontece na Gazeta do Povo, no jornal Folha de Londrina, houve poucas reportagens nos primeiros anos, mas no último ano da análise houve um número elevado de matérias sobre refugiados.

Com relação ao local especificado nas reportagens, o jornal Folha de Londrina cita várias cidades paranaenses onde existem refugiados: Londrina, Cascavel, Curitiba, Foz do Iguaçu, Pato Branco, Guarapuava e Paranaíba. Como o processo entre a chegada, o pedido e o reconhecimento do refúgio leva tempo, nem sempre é possível saber o número de refugiados residente em cada município. Talvez devido a esse fato tenham sido mencionadas estimativas numéricas apenas para dois locais mencionados nas reportagens: Londrina, com aproximadamente 2.000 refugiados e Cascavel com cerca de 4.000 refugiados. Na Gazeta do Povo, não é mencionado em nenhuma reportagem, número específico de refugiados, e as reportagens, quando mencionam local, tratam de Curitiba.

Mesmo não mencionando números exatos de refugiados, os jornais citam os países dos quais as pessoas são provenientes. Na tabela 3 sintetiza-se o número de reportagens que mencionam nacionalidades por país de origem e periódico.

**Tabela 3: Nacionalidade dos refugiados mencionados nas reportagens**

País de Origem dos sujeitos mencionados	Folha de Londrina	Gazeta do Povo	Total
Síria	7	5	12
Venezuela	4	7	11
Haiti	7	4	11
República Democrática do Congo	4	2	6
Angola	2	2	4
Palestina	1	2	3
Nigéria	1	2	3
Bolívia	1	1	2
Colômbia	1	1	2
Sudão do Sul	-	2	2
Palestina	-	2	2
Guiné Bissau	-	2	2
Paquistão	1	-	1
Cuba	1	-	1
Senegal	1	-	1
Gana	1	-	1
Afeganistão	-	1	1
Mianmar	-	1	1
Somália	-	1	1
Equador	-	1	1
Iraque	-	1	1

Fonte: dados da pesquisa.

Org.: as autoras.

Com relação ao quadro acima, nota-se que três nacionalidades se destacam: os Sírios, os Venezuelanos e os Haitianos. Esse dado é congruente com os pedidos e registros de refúgio concedidos conforme apresentado no panorama brasileiro anteriormente. Verificou-se nas narrativas que os contextos e histórias mais relatados são também de indivíduos ou grupos oriundos dessas mesmas origens. As outras nacionalidades apesar de citadas, não são efetivamente descritas nas matérias em questão.

Com relação aos contextos descritos nas reportagens menciona-se os seguintes fatores: com relação à Síria fala-se de guerras, distúrbios civis, violência étnica, estupros, fome, seca; relativo ao Haiti cita-se a guerra civil e posterior terremoto e sua avassaladora destruição; já no tocante ao contexto venezuelano, escassez de alimentos e as perturbações econômicas são as questões abordadas, juntamente com a proximidade à fronteira brasileira e as dificuldades enfrentadas para sua travessia. Os contextos são expostos de forma a justificar a razão de os sujeitos serem obrigados a deixar suas casas e ter que recomeçar a vida em outro país. Esse recomeço também é objeto de algumas reportagens.

No que tange esse recomeço e trabalhos, houve relato de abertura de negócios gastronômicos (formais e informais) servindo comidas típicas dos países de origem. Essa tornou-se uma maneira de obtenção de renda, manutenção de costumes cotidianos relativos à alimentação do próprio núcleo familiar, e atração de pessoas para conhecerem sua cultura. Esses estabelecimentos, a sua vez, podem favorecer ao turismo na medida em que se tornam equipamentos que podem atender tanto à população quanto visitantes e estimular o interesse com relação àquelas nações.

Ao se analisar o conteúdo das reportagens é possível notar aspectos positivos e negativos mencionados em relação aos refugiados. No quadro 1 se expõe os aspectos positivos relacionados à vinda e permanência dos refugiados no Paraná encontrados na amostra de notícias verificada.

**Quadro 1: Aspectos positivos existentes nas notícias analisadas**

Aspectos Positivos	Folha de Londrina	Gazeta do Povo
Prefeitura dá suporte para refugiados		X
Imigrantes abrem empreendimentos		X
Dão aulas de idiomas aos brasileiros	X	X
Curso de capacitação para refugiados entrarem no mercado de trabalho		X
Refugiados contribuem para o fortalecimento da economia		X
Refugiados ensinam sua cultura para Brasileiros	X	
Campanha para promover inclusão social dos refugiados	X	
Lei da Migração	X	

Fonte: dados da pesquisa.

Org.: as autoras.

É notável que a presença de refugiados traz alguns aspectos positivos para os locais que os acolhem. Buarque (2018) relata na matéria “Os refugiados no presente”, da Gazeta do Povo, que os refugiados podem contribuir com a Economia, pois abrem estabelecimentos, alguns alimentares, onde servem pratos típicos de suas culturas e empregam brasileiros para auxiliar no serviço. Também menciona que os refugiados podem dar aulas de línguas para brasileiros e compartilhar suas culturas. Essa troca é interessante para brasileiros e imigrantes. Dessa forma

pode haver contribuições diretas (com novos negócios) e indiretas (com o ensino de línguas e interação cultural, por exemplo) para o setor de Turismo.

Com relação à hospitalidade, percebe-se menções a indivíduos, mas principalmente às instituições no Paraná. Algumas prefeituras e órgãos como igrejas e instituições auxiliam aos refugiados quando eles chegam às cidades com relação a alimentação, moradia e etc. A Prefeitura de Curitiba, por exemplo, deu suporte para um grupo refugiados com serviços de assistência social, saúde, educação e trabalho. Contudo, Galão (2018) menciona, em sua reportagem na Folha de Londrina, que “Acolhida de imigrantes é desafio para o Paraná”.

Somado ao desafio da acolhida, foram encontrados outros aspectos negativos nos artigos analisados. São principalmente problemas que os refugiados encontram quando chegam ao território brasileiro (Quadro 2).

**Quadro 2: Aspectos negativos mencionados nas reportagens analisadas**

Aspectos Negativos	Folha de Londrina	Gazeta do Povo
Falta de estrutura governamental		X
Desconhecimento do idioma	X	X
Estatuto do Migrante é ultrapassado		X
Falta de documentos		X
Dificuldade na validação dos diplomas		X
São vítimas de xenofobia		X
Políticas públicas são escassas	X	X
Dificuldade em relação ao clima		X
Refugiados sofrem exploração.	X	
Entram ilegalmente no País	X	X
Enfrentam invisibilidade	X	
Concorrência direta no mercado de trabalho, com brasileiros.	X	

Fonte: dados da pesquisa.

Org.: as autoras.

Como diz Trigueiro (2018), no Folha de Londrina, “falta estrutura para receber refugiados”. Os refugiados enfrentam muitas dificuldades, começando pela falta de estrutura governamental, falta de operacionalização das leis que permitam que eles tenham os mesmos direitos que brasileiros. A falta de documentos e ingressos ilegais dificulta não só a sua quantificação, mas também a elaboração de programas direcionados ao seu suporte. Por fim, no caso específico da região Sul, mencionou-se dificuldades com relação ao clima pelo fato da maioria não estar acostumada às temperaturas mais frias do inverno.

Os refugiados buscam não apenas condições de sobrevivência, mas também qualidade de vida (ANDRADE, 2017). Entre as questões apontadas como dificuldade destaca-se o desconhecimento do idioma como fator que atrapalha a convivência e comunicação; a cultura diferente e também a culinária brasileira que podem causar estranheza e/ou curiosidade; bem como a inserção no mercado de trabalho. Essa última questão pode ter relação com a primeira e segunda apontadas, já que barreiras linguísticas e culturais podem dificultar a obtenção de postos de trabalho (HASS; FONSECA; MEDEIROS, 2020). Segundo comentários de entrevistados além da

língua portuguesa ser de difícil entendimento, muitas vezes eles possuem cursos superiores, mas enfrentam dificuldade para validá-los. Isso faz com que os refugiados se tornem mais vulneráveis à exploração bem como trabalhem em funções diferentes de sua formação e/ou interesse por necessitar manter-se no território paranaense.

Outro aspecto que não pode ser esquecido é que eles são, muitas vezes, vítimas da xenofobia. Essa é reforçada por líderes políticos que querem “defender sua população” dizem que refugiados “nunca tem boas intenções e que não devem ser acolhidos”. (KADLETZ, 2019).

Os pontos negativos tratados pelos jornais focalizam as dificuldades encontradas pelos refugiados para se estabelecer no Brasil/Paraná. Felizmente as reportagens analisadas não relacionam os refugiados à violência ou qualquer outro tipo de detração como poderia se esperar segundo a narrativa de Bauman (2017) com relação aos discursos da mídia e de governantes.

### **Considerações finais**

Este artigo teve objetivo geral analisar como os refugiados são retratados na mídia paranaense (reportagens de 2010 a 2018), mostrando a relação deles com o Turismo. Para essa finalidade, os objetivos específicos foram: discutir a questão dos refugiados e sua potencial relação com a área de Turismo com base no marco teórico e legal, listar as notícias existentes na mídia paranaense relacionada aos refugiados e descrever como a mídia paranaense aborda a questão e se há interfaces com o Turismo. Foi desenvolvido por meio de pesquisa exploratória e descritiva, com coleta de dados secundários disponíveis em jornais das duas cidades mais populosas do estado paranaense.

Verificou-se que os refugiados são obrigados a deixar o seu lar e buscar acolhida em outros países por diversos motivos sendo que os contextos relacionados aos conflitos armados e violência são os mais descritos nas reportagens. A questão da garantia de direitos como alimentação, saúde, segurança e trabalho pode ser um dos aspectos que os leva a considerar o Brasil e, especificamente o Paraná.

Contudo, há relatos referentes à burocracia para obtenção de documentação e tempo para reconhecimento da condição de refúgio, bem como para validação de diplomas. A partir das dificuldades reportadas, é possível pensar em políticas públicas ou mesmo projetos de extensão para que a hospitalidade seja ampliada na chegada e integração ao território brasileiro.

A amostra analisada da mídia paranaense mostra os refugiados de maneira preponderantemente positiva, retratando sua vivência no país e suas histórias antes de chegar em território paranaense. Aponta-se que podem ajudar em vários setores da economia, contudo em alguns casos isso depende de validação de seus cursos superiores (uma grande dificuldade) em suas áreas de origem. Uma das alternativas encontrada é no setor de turismo, já que podem abrir empreendimentos turísticos como restaurantes, trabalhar em hotéis por falarem outros idiomas, ou mesmo ensinando pessoas essas línguas ou culinária e outros costumes.

Como limitação da pesquisa aponta-se que há pouca profundidade das reportagens nas questões relacionadas ao Turismo e Hospitalidade. Essa questão de interesse da presente pesquisa apresentou-se preponderantemente como informações secundárias nas matérias jornalísticas. Como sugestões de estudos futuros, um trabalho sobre a empregabilidade e oportunidade de empregos para os refugiados em empreendimentos do turismo é indicada. Ademais, outros estudos podem abordar outros periódicos e/ou veículos de comunicação para averiguar se a imagem projetada do grupo de interesse se mantém semelhante entre os meios.

## Referências

- ACNUR. **Refúgio em Números. 4ª Edição.** Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019. Disponível em: <[https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros\\_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf)>. Acesso em: dez 2019.
- ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. **Refugiado ou migrante?: A diferença é importante.** Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acesso em: dez 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo:** da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. **Refúgio no Brasil:** A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. Brasília: ACNUR, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos a nossa porta.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 94 p.
- BRASIL. **Decreto Nº 9796, de 05 de Outubro de 2016. Sistema Estadual De Legislação,** Brasília,DF, 2016. Disponível em: <[http://www.impresnacional.gov.br/mp\\_leis/leis\\_texto.asp?ld=LEI%209887](http://www.impresnacional.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp?ld=LEI%209887)>. Acesso em: 13 mai. 2019.
- BRASIL. **Lei 9.474 de 22 de Julho de 1997:** Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 Jul. 1997. Disponível em:** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm)>. Acesso em: 15 mai. 2019.
- BUARQUE, Cristovam. **Os refugiados no presente.** 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/os-refugiados-no-presente-ajc3w42e252uxkrk4g5cn1bgx/>>. Acesso em: 19 out. 2018.
- CARDOSO, Anelise Zanoni. **Um olhar sobre a cobertura jornalística de refugiados no Brasil.** 2012. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/cadernos/Caderno\\_de\\_Debates\\_7.pdf?view=1](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/cadernos/Caderno_de_Debates_7.pdf?view=1)>. Acesso em: 09 fev. 2019.
- CERA, Denise Cristina Mantovani. **O que se entende por apátrida? Jusbrasil,**2010. Disponível em: <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/1935617/o-que-se-entende-por-apatrida-denise-cristina-mantovani-cera>>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- CORRÊA, Fabricio da Mata. **O poder da mídia sobre as pessoas e sua interferência no mundo do direito.** 2013. Disponível em: <<https://fabriciocorrea.jusbrasil.com.br/artigos/121941433/o-poder-da-midia-sobre-as-pessoas-e-sua-interferencia-no-mundo-do-direito>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Tratamento da mídia afeta a imagem dos refugiados no país.** 2016. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/tratamento-da-midia-afeta-a-imagem-dos-refugiados-no-pais/40011>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- DEDIHC, Departamento de Direitos Humanos e Cidadania. **Centro de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná - CEIM.** 2019. Disponível em: <<http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=151>>. Acesso em: 13 maio 2019.
- DIAS, Hamana Karlla Gomes; AMARO, Hérica Rodrigues do Nascimento. **Concessão de asilo político no Brasil.** 2010. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/14997/concessao-de-asilo-politico-no-brasil>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

EDWARDS, Adrian. **Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto.** 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acesso em: 09 set. 2018

FERREIRA, Luiz Cláudio. **Jornalista critica cobertura de imprensa brasileira sobre refugiados.** 2016. Disponível em: <<https://www.conic.org.br/portal/noticias/2033-jornalista-critica-cobertura-de-imprensa-brasileira-sobre-refugiados>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

FERREIRA NETO, Thaís Helena. **Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências.** Belo Horizonte: Atena, 2018. 10 p. Acesso em: 27 mai. 2019.

FRAIA, Isabella. **Refugiados no Brasil: conceito e historicidade.** 2016. Disponível em: <<https://isabellafracia.jusbrasilom.br/artigos/376266355/refugiados-no-brasil-conceito-e-historicidade>>. Acesso em: 21 out. 2018

HASS, Daiane; FONSECA, Elisa Maria; MEDEIROS, Mirna de Lima. Hospitalidade e o ensino de português aos imigrantes nas universidades do Paraná. **Desafio Online**, v.08, n.03, p.541-560, 2020.

IKMR. **Refúgio no mundo.** 2017. Disponível em: <<http://www.ikmr.org.br/refugio/refugio-no-mundo/>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

KADLETZ, Bruna. **O ‘discurso de poluição’ e a narrativa sobre refugiados e imigrantes no Brasil.** 2019. Disponível em: <<https://migramundo.com/o-discurso-de-poluicao-e-a-narrativa-sobre-refugiados-e-imigrantes-no-brasil/>>. Acesso em: 05 maio 2019.

LUGOSI, Peter; ALLIS, Thiago. Migrant entrepreneurship, value-creation practices and urban transformation in São Paulo, Brazil. **Rbtur - Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 13, n. 1, p.141-163, abr. 2019.

MARISTA, Grupo. **Programa Lampedusa leva cidadania a imigrantes e refugiados.** 2019. Disponível em: <<https://www.grupomarista.org.br/wp-content/uploads/2019/01/boletim-do-grupo-marista.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2019.

MENDES, Helen. **UFPR e Ministério Público do Trabalho assinam cooperação para apoio a imigrantes e refugiados.** 2015. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/porta/ufpr/noticias/ufpr-e-ministerio-publico-do-trabalho-assinam-termo-de-cooperacao-em-aco-es-de-apoio-a-imigrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

OIM, Organização Internacional para as Migrações. **Glossário sobre migração.** Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2009. Disponível em: <<https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso em 05 maio 2019.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Afinal o que é a mídia?** 2018. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/279-afinal-o-que-e-a-midia>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global.** Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2016.

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 163-170, Apr. 2017 .

SILVA, Nívia Celine da. **“Gazeta do Povo: 90 anos de Histórias...”.** 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/especiais/90-anos/gazeta-do-povo-90-anos-de-historias-behus8rvvkvx19vufkrhgb5kr2/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

TORRENTE, Andrea. **Conheça 2 restaurantes árabes em Curitiba comandados por refugiados sírios**. 2016. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/dois-restaurantes-arabes-em-curitiba-comandados-por-refugiados-sirios/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

TRIGUEIROS, Marian. **Terra Estrangeira - Interior do Paraná se consolida como destino de migrantes**. 2015. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/falta-estrutura-para-receber-refugiados-907969.html>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

UNESCO. **Corrigindo mitos da mídia sobre refugiados e migrantes**. 2017. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/correcting\\_media\\_myths\\_about\\_refugees\\_and\\_migrants/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/correcting_media_myths_about_refugees_and_migrants/)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

UNIÃO, ESMPU - Escola Superior do Ministério Público da. **Atuação em rede: capacitação dos atores envolvidos no acolhimento, integração e interiorização de refugiados e migrantes no Brasil**. 2019. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/login>>. Acesso em: 13 maio 2019.

VLACHOU, Maria. **The Inclusion of Migrants and Refugees: The Role of Cultural Organizations**. Almada, Portugal: Acesso Cultura, 2017.

ZYLBERKAN, Mariana. **Vida de refugiado**. 2018. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/refugiados/>>. Acesso em: 20 out. 2018.